

Miríade Poética

Por: A. Zenith Jr.



2 caras

Deixe lhe contar que cara tem o amor,
Pois meu amor tem muitas caras
E ainda que tantas me tragam dor
Esse amor tem coisas raras!

O meu amor tem 2 caras
Que se completam e se unem.
O meu amor tem 2 almas
Que são totais e se confundem,
E me confundem.
E parece loucura que um amor seja tão louco,
Eu mesmo, há instantes, me perguntaria
Como isso poderia...

Com a primeira face
Meu amor não é parado,
É instigante e conturbado,
Pois ela vive me invadindo
A procura de qualquer resposta
Para os mistérios que possuo.

Neurótica face virginiana,
As impurezas dessa vida
Nela geram desordens
E marcam a sua fisionomia
Com expressões de intranquilidade.
Essa face ruim
É só uma fase ruim.

Face que se estremece pelo gozo
E evidencia de onde vem
Ao falar com doce sotaque,
Que tem arroubos de risadas frouxas
E de alegrias tem ataque.

Com a segunda face
O meu amor é mais pacato
O pensamento faz mais sigilo
Pelo seu jeito tranquilo.

Terrena face taurina,
Com sua famigerada produtividade,
Rumina ideias reservadas
A bem da praticidade.

Amável face de carinho
Que oferece de bom grado o colo
Seus afagos são como o ninho
Em que eu facilmente me enrolo.
É o eixo dos círculos sociais
Pelas suas capacidades especiais
(de amar).

Dessas duas faces desejo apenas
Cativar-lhes o olhar em minha direção
E mesmo pagando a duras penas
Despertar-lhes um sentimento de paixão.

Deixai que isso se manifeste em vós
Como descarga de adrenalina
Que enche os corpos de calor.
E dançando em liberdade,
Acelerar o coração
Com imensa vontade.
Rendei-vos a essa emoção.

Nestas horas sou apenas um imaginar
Em meus delírios etílicos
Sou um fantasma na tua sala de estar
Perdido em clamores idílicos,
Alma penada na tua morada.

Não me peças que eu não te ame tanto
Apenas me invada com teu olhar
E eu marcarei em meu corpo santo
Os símbolos desse amor secular.

Nesse teatro de vossas idiossincrasias
Dois contra um não representa democracia
E me priva de desfrutar das alegrias
De uma relação de autonomia.

Deixai-me ser um bom amigo,
Afinal, tantos amigos se tem,
Mas nunca se tem amigos demais,,
E comungando das companhias
Como todo bom amigo
Eu possa enxergar além das máscaras
Dessas caras,
Desses caras.

Saiba que ainda te gosto,
E se ainda me gostas também

Não me mate de dentro de ti
Como alguém que apaga um clarão.

Esses versos não são promessas de amor eterno
São simplesmente um pedido aos deuses
Para eu encontre o caminho do meu desejo
E que numa última tentativa desesperada
Eu o aniquile de dentro de mim
Para sempre.

Tiro de Misericórdia

São raros os momentos
Em que a minha alma ferida
Encontra algum acalento
Para as dores dessa vida.

São esses, quando estou
contigo,
Os mesmos que me foram
arrancados.

Meu eu fragmentado em mil



Frágeis pedacinhos de um sonho estilhaçado.
Como sonhar outro sonho?

Nessa hora escura me revolto contra os deuses,
Implorando abrandamento da minha tragédia.
Será que as costas me viraram
Ou a dor que me assola agora
É obra de um terrível castigo?

E nessa situação de agonia impensável
A dor de tão pesada
Atravessa minha própria existência
E no cerne do espírito
Se consome num denso e negro vazio
Que suga todo toque de alegria
Que restar poderia
Numa alma solitária.

Para me livrar das fronteiras
Que limitavam meu ser
Costurei as bordas do meu corpo

A indecisão, porta que leva ao caos,
Causa danos a quem anseia,
Mas decidir requer concluir.
E a resposta foi o fim,
O fim categórico,
O fim inexorável,
O fim natural,
O fim que mata,
O fim radical.

Foi como uma frase cortada
Na primeira palavra,
Que não chegou a fazer sentido.

E o quealaria essa voz abortada
Nunca chegou a ser ouvido.

Um amor que não pode dar muito
Tampouco é um amor que tem algo a dar
Porque contentar-se de migalhas
É não contentar-se de modo algum.

E meu coração, que já não é contente
Se embebeda nessa negra essência da tua ausência
No silêncio concreto da noite,
Na saudade abstrata dos teus abraços.
Tal é a valsa da vida,
Dois pra lá e um pra cá.

Ó noite maldita,
Minhas lamentações ecoam em prantos
Na escuridão profunda dos teus recantos
Por que ouves minhas confissões?

Minhas angústias esticam-se
Aos pés dos teus versos indolentes
Ó poesia maldita e bela.

Então por que não me expurgas
Para fora de ti,
Silencioso véu do mundo?
Para que eu possa renascer em outro canto
Sem as dores desse pranto,
Para que eu possa abrir uma fenda
Na fina malha do tempo
E ao inverter o meu passado
Reparar o meu presente

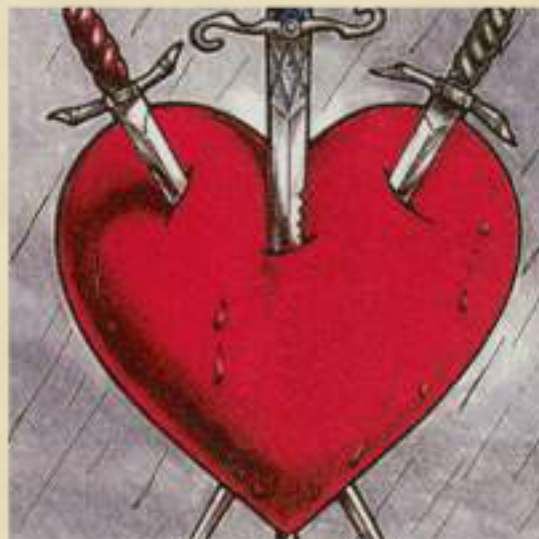
O amor é tardio,
Começa sempre nos limites,
Na véspera do ultimato,
Na sola do sapato.

Quando te escuto dizer-me é o fim
Creio, na hora, que estamos acabados.
Mas no momento seguinte,
Como sabê-lo?
Se essa esperança psicótica
Faz duvidar a cada segundo
Da realidade que anuncias.

A paz da morte,
Essa foi a paz que me deste
Me fizeste eutanásia,
Pois não se dá paz a um coração
Com tiros de misericórdia.

Três de Espadas

"É através do ferimento que
a luz adentra você".



Esse amor que me roubou a
ignorância,
Me entregou a obrigação de
suportar
O fardo de minhas próprias
chagas malditas,

Bem próprias e bem malditas,
Com a leveza de mil perdões
E o peso de mil obsessões.

Esse amor que me roubou a calma,
Me embalou o pensamento por dias,
E recoloriu o azul debotado da alma
Que não mais saboreava alegrias.

E para cuidar das minhas carências,
Das minhas violentas carências,
A alma se divide nessa hora,
Sem esperança de reticências,
Sem adeus e sem demora,
Chegando a um ponto final
Com tanto azar e malogro,
Que a perda é dupla,
E o sofrimento em dobro.

O relevo da minha alma
Não é liso, não é plano,
Tem seus vales e depressões,

Não sou alguém de meios-termos
Para as medidas desse mundo.

E agora me invade a saudade
Daquelas estrelas outrora cravadas
No céu do deleite,
Dos seus arroubos de risada frouxa,
Dos seus ataques maníacos
De alegria sincera.

Tantos afagos guardados
São dados,
E tantos carinhos amados

São enterrados,
Sem poder ser apreciados
Em demasiado.

Então por que deixar o coração se prender
Em laços e chamas
Enlances e flamas:
Caminhos para a emboscada?

Quantos amantes se deitarão
Em seu leito de amor e perdição
E regozijarão
Com a carne inflada
E a alma gelada,
Quantos corações inebriados
Pelo calor da madrugada
Serão perversamente acorrentados
Em sua doce morada?

Desalimentadas as esperanças
Desvanecerão as lembranças

E permanecerão para sempre
As mesmas certas incertezas
De que um dia há de vir
Um maravilhoso porvir.

digite aqui

3 de Copas

O amor se manifesta de
muitas formas.
Isto aqui é antes de tudo
Um caso de amor.

Um mergulho fundo
No mundo
De novas experiências,
Uma inserção plena
Numa desconstrução
Paradigmática.

Antes de tudo, tudo nada era,
Presos em um jogo de tensões
Entre confusas despretensões
E desconfiadas intenções,
Antes de nada, de tudo poderia ser.

Por uma pálida chama de mistérios,
Envolta na escuridão do desconhecido,
Este é um novo mundo a se descobrir.

Dentro de uma redoma de fumaça
Que faz o tempo ir devagar,
Quando o tempo é "ainda"
Quando ainda não é "já".

Do silêncio que se entremete
Entre os corpos na cama quente
Desponta surpreendentemente
Um jeito misto de se querer
Isto e aquilo,
Um jeito diferente de se gostar

Tão muito e igualmente
Disto e daquilo.

Um, dois
Três ou mais?
Qual o melhor jeito
Para quem ama demais?

Afagos embalados pela languidez da noite,
Afagos afogados pelo coração ofegante,
Embalos afobados pelo ritmo constante,
Abalos afogados pela violência de suas carícias.

A noite vai caindo
E os ouvidos vão dormindo,
Ao longe a cadência do som
De uma longa cadeia de vagões partindo.
Para um destino bom
Partimos.

O coração sem saber no que vai dar,
Encontra num lindo e remoto lugar
Um repertório de cenários indescritíveis
E o enredo que neles se viveria
Jamais em mil anos se esperaria.

Da cama a janela forma um quadro vivo
Que emoldura por excelência a eternidade
Da passagem do tempo imperceptível
Nas montanhas ali paradas
Insistentemente estacionadas.

Em plena consumação do amor,
Ver é dor,
Estar é dor,
Sentir-se é dor
No lugar de espectador
Que não espera a dor.

Os lábios se calam
Pelos olhos que choram
Em silêncio um pesar
Que pesa no coração
Como a dura dor de amar.

Quem é que sabe quando a noite vira dia?
Quando do amor virá a dor?
Quem é que sabe o quanto dura
O tempo de uma alegria pura?

No céu sou ave,
Na brisa suave,
E no vento lamento
A cor de minha sorte.
Mas só lamento realmente
A imensa dor da morte.

O amor que tece histórias fabulosas
Amortece a dor da frustração
E a morte das coisas maravilhosas
Ignora o aviso estampado
Por tanto tempo ignorado
Na tampa de um coração.
(CUIDADO, FRÁGIL)

E a ditadura do tempo impera
Na continuidade da dor e da espera,

Fazendo cativos os corações lacerados
Por períodos de tempo indeterminados.

Até que da névoa perene reste
Um lugar de acalento
Trazido do acaso pelo vento
E a certeza de que restará
Sempre dentro de nós
Alguém melhor
Após de cada após.

digite aqui



O perfume do abandono

Deixarei morrer em meu peito
A vontade de rever teu sorriso que disfarça
O desejo inconfesso e a intenção velada,
Porque não poderei dar-te nada além
Da tristeza de me veres eternamente insatisfeito.
Porém tua companhia é como abrigo para o desamparado
E eu sinto que em meus pensamentos surgem os teus pensamentos
E em nossas lembranças há um tempo bom que nunca voltará.
Não posso ter-te porque em meu coração
Se instalaria o maior dos paradoxos
E eu fatalmente o sabotaria.
Quero apenas que tua lembrança seja para mim
Como o remédio para aquele que padece.
E eu fugirei correndo...
Os teus olhos encontrarão pouso em outros olhos,
Tuas mãos encontrarão encaixe em outras mãos
E teu coração exalará para a noite
Sem saber que quem o perfumou fui eu.
Porque eu fui quem colheu das rosas a essência.

E pousei meus olhos nos olhos da noite
E desvendei os teus mistérios.
Eu encaixei minha mão na mão da madrugada
E trouxe até mim a verdadeira essência da tua ausência.
Eu estarei só
Como o abismo embriagado no silêncio das brumas.
Mas eu ainda terei a ti como ninguém mais terá
Porque eu pude escolher.
E a fragrância da erva na noite fria
Será o perfume do teu abandono.
O vinho com que os corpos se esquentam
Será o teu sangue que correrá em minhas veias.

E todas as falsas promessas da Lua, da madrugada,
Do tempo e do amor
Serão a presença
Da tua ausência exacerbada.



Chegada da primavera

Deposito minhas armas ao
chão

Depois de tanto guerrear
Desafiando a indecisão
De ter que aceitar.

Deixo levantar vôo meu
amor
Que estava na palma da mão
Aprisionado com tanto ardor
Agora se vai em vôo.

Se enveredando pelas tantas ruas
Dos caminhos desse mundo
Que se perde sob as luas
Esse coração vagabundo.

E do longo sono do esquecimento
A nova consciência desperta
E traz à tona o advento
Da nova vida que se liberta.

Meu peito fica mais leve
Em deixar partir o peso
Da contradição constante que escreve
No coração o seu desprezo.

Veloz como uma lebre
Que sai da toca na primavera
Que meu ser agora celebre
A alma da natureza severa.

Quero sentir sem anestesia
O gozo de se regenerar

E sofrer a morte da poesia
Para a totalidade experimentar.

Os mistérios da primavera que cresce
Trazem bonança e fertilidade
O amor como as rosas floresce
Dias e noites em igualdade.

digite aqui



Solis Ortus

Quando chega o outono
E o Sol se vai,
As folhas do meu coração caduco
Se permitem ir ao chão.

Quando as trevas
A luz vencem
Meus olhos fitam mais uma vez
A escuridão.

A consciência volta-se para dentro
Daquilo que a suporta
E somos obrigados a lidar
Com os seres que nos habitam.

O coração daquele que ama
Se vê deixado à mercê de si mesmo.
A vida exterior se extingue,

O calor provém dos recôncavos
Onde queima a chama
Da esperança.

Então Ela se curva
Sob o Sol que agoniza
E aquece Seu útero.

Sou abandonado neste campo árido
Cuja própria vida lhe abandonou.

E através da noite,
Atravessamos o Universo

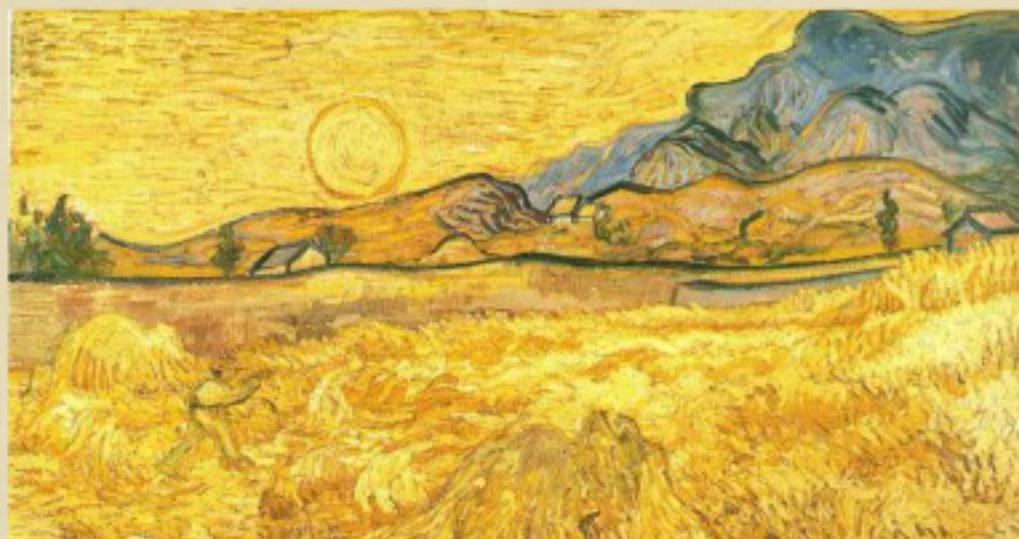
A que possamos nos unir.

E da escuridão que cega
Surgem as primeiras faíscas
Da paixão que cria o mundo.

Me apaixonam os teus olhos.
O teu rosto reconheço
Entre milhares de outras faces.
Meu mundo se cria
A partir da combinação exclusiva
Que apenas nós produzimos.

Então a Luz surge novamente
Engatinhando para fora do útero,
Despontando para dentro
Dos nossos corações,
Cambaleante como um bebê
Em seus primeiros passos.

Eis que o amor é dado à Luz.



Desejo em Calma

Meu coração é um romântico sem causa,
Por todos os lados sempre encontra
Algo que pensa lhe pertencer.
Mas o que lhe motiva por hora
É a calma de uns certos olhos
Em que os meus olhos pousaram
Por algum acaso.

São certas madeixas reluzentes
Que posso jurar serem
As mesmas dos anjos verdadeiros.

Me inspiro por simples platonismos,
Mal de um coração ingênuo,
Simples devaneios de querer seu bem,
Tomar conta de seus flagelos.

São sintomas de uma saudade
De algo que se possa ter
E se quer ter.

Aleatoriamente meus pensamentos
Nos pertecem,
Não há tristeza
Ou dores insuspeitas.

O guardião aguardado
Já adia sua chegada
Há muito tempo,
E há muito tempo não sei se vem.
Me exibio para a solidão

E ela me sorri maroto
Não posso decifrar
Os mistérios desse sorriso.

Eu estive próximo
E estava longe
Não soube enxergar
Quais suas sutilezas.

Espero que o tempo não te leve
Para mais longe,
Que o sentido do meu suspirar
Não se desconfigure e se perca
Em dores sintomáticas,
Que eu tenha o espaço necessário
Para que você caiba no meu colo.

E que essas imagens irreais
Sejam a verdade por trás
Do meu tortuoso destino.

Essas palavras são vapores
De desejos sinceros
Que se desfarão ao serem lidas
Pelo dois sóis do seu olhar.

Somos nossas próprias dimensões
Imensas e complexas,
Conectadas.

Sob o conforto do prazer de querer,
Será sorte se essas palavras
Conseguirem seu apelo.

(Des)Culpas

Muitas são as vezes
Em que eu mereço
Que a chuva lave meus erros,
Muitas vezes que o sol seque
As lágrimas da minha culpa,
E que um arco-íris, como que
por mágica,
Venha anunciar a alegria de
um futuro reparado.



Mas o que sei eu
Sobre meu próprio destino?
Se sou algo,
Algo estranhamente inimigo de mim mesmo,
Então é esse algo que devo entender.

Minha sentença é dada
Por esses versos escritos,
Pela mão que julga
A consciência culpada
Cheia de reminiscências infelizes,
E que decreta pesadas leis
Para o próprio futuro.

Como posso sobreviver
À sombra do sol dos seus olhos
Que me seguem como se vissem
Minha alma aprendiz?

São erros inocentes,
Que só são erros

Por má interpretação.
São potenciais acertos
Para minha fome de cuidado.

São tantas as ruas que podemos andar
Que a possibilidade de nos perdermos
Se evidencia a cada esquina.
Mas o que sei eu sobre
Os caminhos da minha vida?
Quanto rostos tenho que
Fazer sorrir ou chorar
Antes que eu chegue ao ponto
Em que meu rio encontre o oceano?

O que será de mim no momento
Em que Fortuna,
De olhos vendados rodar
Sem piedade a Roda
Sobre os reis coroados?